



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA-KUABA**

**FRANCISCO GLERISON RIBEIRO DE MOURA**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA SALA DE AULA DA ESCOLA INDIGENA**  
**JOAQUIM UGENA**

**FORTALEZA**  
**2022**

**FRANCISCO GLERISON RIBEIRO DE MOURA**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA SALA DE AULA DA ESCOLA INDIGENA  
JOAQUIM UGENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena-Kuaba.

Orientador: Prof. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA SALA DE AULA DA ESCOLA INDIGENA  
JOAQUIM UGENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito final para a conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena-Kuaba.

Francisco Glerison Ribeiro de Moura

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino (Examinador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de Sousa (Examinador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

### Dedicatória

Dedico esse trabalho aos meus familiares que são minha base em todos os momentos vividos por mim, a minha aldeia e em especial a Escola Indígena Joaquim Ugena, por me ter dando a oportunidade de elaborar meu trabalho dentro da escola, e ao meu orientador Professor Martinho Tota Filho Rocha de Araújo que admiro muito pelo o grande profissional que ele representa, como todos os meus colegas do curso Kuaba que na união de todos os povos estamos juntos realizando este sonho, como também a Coordenação do Curso Kuaba, na pessoa de Kleber Saraiva, Naiane e Helcine o meu muito obrigado por todo o suporte ao longo deste anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por mim da Força para Continuar lutando pelos os meus objetivos e também aos meus amigos que me apoiaram, ajudaram nas dificuldades que até aqui encontrei. Agradeço ainda aos meus pais por ter me dado a vida e fazendo de mim a pessoa que sou hoje. A minha família que a base para eu continuar os meus estudos e poder ter esse sonho realizado a conclusão de uma Graduação Intercultural Indígena.

Ao longo dessa jornada encontrei muitos obstáculos, mas isso não fez com que eu desistisse e por isso que hoje concluo esse curso com o coração trasbordando de alegria por ter concluído, mas essa etapa de minha vida com a certeza que muitas viram e com certeza irei concluir todas com muita força e coragem que consegui ao longo de minha vida.

# OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA SALA DE AULA DA ESCOLA INDÍGENA JOAQUIM UGENA

## RESUMO

O Professor indígena, pertencente a etnia potiguara da aldeia Jacinto – Monsenhor Tabosa – Ce, tem a sua frente enorme desafios diante de inúmeras tensões que surgem com o ensino escolar como choques de lideranças, valorização de novos conhecimentos das práticas das ciências indígenas, desafios de torna-la espaço possível de intercultural idade. Para isso, é fundamental que o Professor considere sua comunidade educativa de origem. É como parte dessa comunidade que deve contribuir na busca de novas respostas e soluções para os problemas que ela enfrenta colocando a escrita a serviço de uma expressão, buscando inspiração no patrimônio intelectual de seu povo, adicionado novos saberes aos conhecimentos ancestrais. Assim toda nova aquisição de conhecimentos deverá fortalecer a comunidade e contribuir para as soluções dos problemas comuns. Os desafios que os povos indígenas enfrentam na atualidade exigem dos professores indígenas uma postura e um trabalho adequado e responsável. Devem estar comprometidos em desenvolver o processo de ensino-aprendizagem não como únicos detentores de conhecimentos, mas como articuladores, facilitadores, intervindos orientando problematizando, sem desconsiderar a atitude de curiosidade dos diversos alunos para os novos conhecimentos.

A escola indígena deve ser espaço de pesquisa e de produção de conhecimento e de reflexão crítica por parte de todos os que participam dela daí a importância da formação do professor que também é um grandes desafios dos professores indígenas formação que possa incorporar instrumentos e recursos de expressão das realidades das comunidades indígenas.

A Embora a educação escolar indígena tenha que enfrentar vários desafios e barreiras com relação a discriminação e preconceitos o que fortalece a luta contra estes desafios e a tomada de consciência por parte dos professores indígenas de que a educação é um compromisso de todos.

**Palavras chave:** Educação Indígena, Professor, Desafio, Leitura, Escrita.

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo principal desta pesquisa é compreender os desafios do professor em sala, da etnia potiguara da aldeia indígena Jacinto, no município de Monsenhor Tabosa, Ceará, quais suas necessidades e as ações que desenvolvem no cotidiano escolar, principalmente os principais desafios da leitura e da escrita encontradas no cotidiano da escola.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho encontrou subsidio no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas- RCNEI, que trata das necessidades de ofertar o ensino bilíngue nas escolas indígenas. Foram realizadas observações em sala de aula e entrevistas juntamente com os professores.

O RCNEI é um documento elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto para atender as determinações da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Visa garantir aos povos indígenas uma educação diferenciada que valorize e respeite a diversidade cultural, a língua materna e também para manter seus modos de ser.

O desafio maior do professor é manter sua cultura tradicionalmente, como o ensino da língua nativa, os costumes e rituais, onde os professores indígenas tendem a conciliar a educação indígena e a educação convencional. Outro desafio é a falta de material para área diversificada. Os próprios professores têm que confeccionar suas próprias matérias de trabalho baseado na própria realidade da aldeia, pois não existe material específico para os professores trabalharem.

Ser professor indígena não é apenas ensinar o aluno índio ler, escrever e contar. Antes de tudo o professor indígena deve lutar para preservar e resgatar a cultura e os saberes de seu povo que vem sendo deixado de lado e esquecido pelos os mais jovens. Muitos saberes estão morrendo com os mais velhos pelo simples fato: a falta de interesse dos jovens e a escola têm a função de revitalizar tudo isso no aluno, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e até mesmo a Educação de Jovens e Adultos.

A pesquisa contribuíra para conhecermos e compreendemos também suas mudanças e transformações. Esse trabalho poderá beneficiar a comunidade e a escola indígena da Aldeia Jacinto, pois com a pesquisa como fonte de conhecimento poderão traçar metas para superar os desafios.

## **1 - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL**

A educação indígena se caracteriza pelos processos tradicionais de aprendizagem de saberes e costumes característicos de cada etnia. Estes conhecimentos são ensinados de forma oral, no dia-a-dia, nos rituais e nos mitos. Entretanto, várias etnias indígenas têm buscado a educação escolar como um instrumento de redução da desigualdade, de afirmação de direitos e conquistas e de promoção do diálogo intercultural entre diferentes agentes sociais.

As lideranças indígenas distinguem a educação indígena da educação escolar: a educação indígena é responsável pela aquisição das tradições, costumes e saberes específicos da tribo, da etnia a qual o indivíduo pertence; já a educação escolar complementa os conhecimentos tradicionais e garante o acesso aos códigos escolares não-indígenas. Além disso, a formação da consciência da cidadania, a capacidade de reformulação de estratégias de resistência, a promoção de suas culturas e a apropriação das estruturas da sociedade não-indígena e a aquisição de novos conhecimentos úteis para a melhoria da condição de vida dos índios fazem parte das pautas relativas à educação escolar indígena (GONÇALVES & MELLO, 2009).

Antes da formulação de leis que tratam oficialmente da educação escolar indígena, em meados do século XVI, a mesma era oferecida pelos jesuítas, pautada na catequização, civilização e integração forçada dos índios à sociedade nacional. Este sistema educacional negava a identidade indígena e tentava transformar os índios em seres diferentes do que não eram.

As políticas públicas para a educação escolar indígena tiveram início com a Constituição Federal de 1988, que estabeleceu uma nova postura de reconhecimento e valorização dos povos indígenas (BRASIL, 2010). A política integracionista da nova Constituição começou a reconhecer a diversidade das sociedades indígenas que havia no país, mas apontava como objetivo o fim desta diversidade. Pensava-se em uma escola para índios que promovesse a homogeneização da sociedade brasileira, transmitindo os conhecimentos valorizados pela sociedade de origem europeia. As línguas indígenas eram consideradas apenas um meio de facilitar a tradução e a aquisição dos conhecimentos dos conteúdos valorizados pela cultura nacional vigente (MEC, 1998).

Em 1991, a educação indígena deixou de ser responsabilidade da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), e passou a ser responsabilidade do MEC (Ministério da Educação). Em 1993, o MEC criou o Comitê de Educação Indígena, composto por representantes de alguns povos indígenas, e também criou as Diretrizes Para a Política Nacional de Educação Indígena

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) garantiu o direito dos indígenas à educação diferenciada, e em 1998, foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCN/I)

Somente em 1999 o Conselho Nacional de Educação criou as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, com a preocupação de manter a diversidade cultural dos índios, tendo como políticas a afirmação das identidades étnicas, a recuperação das memórias históricas e a valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas (BRASIL, 2010).

A Constituição Federal assegura às comunidades indígenas o direito de uma educação escolar diferenciada e a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. A partir da constituição de 1988, os índios deixaram de ser considerados grupos em extinção e passaram a ser reconhecidos como grupos étnicos diferenciados e com o direito de manter sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBEROAMERICANOS, 2003).

A educação indígena é bilíngue - em português e na língua materna - , é preferencialmente ministrada por professores indígenas, em escolas indígenas nas próprias aldeias e os programas curriculares são definidos pela própria comunidade. Isto possibilita que o ensino escolar preserve as particularidades socioculturais de cada etnia (GONÇALVES & MELLO, 2009).

O MEC (1998) define como características principais da educação indígena: comunitária, pois é “conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios intercultural, “Porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas

diferentes bilíngue / multilíngue porque a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua específica e diferenciada, porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares do povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena

O surgimento do movimento dos professores indígenas na luta pela educação escolar diferenciada se dá através da valorização dos conhecimentos e saberes desde antepassados e assim repassado de geração em geração. Esse processo pautado por transmissões e produções adquiridas com os professores, alunos e pais de aluno dispõe de uma concepção clara de organização e interação do movimento indígena em suas políticas educacionais.

A portaria nº 559/91 estabelece a criação dos núcleos de educação escolar indígena (NEIS) nas secretarias estaduais de educação, de caráter interinstitucional com representações de entidades indígenas e com atuação na educação escolar indígena. Define como prioridade a formação permanente de professores índios e de pessoas técnicas das instituições para a prática pedagógica, indicado que os professores indígenas devem receber a mesma remuneração dos demais professores. Além disso, são estabelecidas as considerações para regulamentação das escolas indígenas no que se refere ao calendário escolar, a metodologia e avaliação de materiais didáticos adequados à realidade sociocultural de cada sociedade indígena (PARECER 14/99, 2003).

Segundo a portaria nº 559/91, para que possa de fato ser constituído um sistema de colaboração entre diferentes povos indígenas, deve-se projetar uma nova educação escolar indígena realmente concretizada com a participação e a gestão direta dos principais interessados aos povos indígenas do Brasil. Durante séculos sempre teve como objetivo a integração do índio a sociedade nacional, sem respeito às diferenças culturais e linguísticas. Era uma educação de branco, da cultura do branco para os índios. Em outras palavras, a escola serviu para o branco ensinar ao índio a ser e a viver como ele. (PARECER 14/99, 2003).

A comunidade de Jacinto existe dois tipos de educação que é muito valorizada. A primeira é o que se aprende em casa e na comunidade os saberes necessários que é pelo o exemplo do pai da mãe e de toda comunidade e segundo na escola, onde o aluno sistematiza esse saber juntamente com o professor consegue transformá-lo em conhecimento.

## **2 - ESCOLA NA ALDEIA: A ESCOLA INDÍGENA JOAQUIM UGENA**

Por iniciativa de uma liderança indígena Teka Potiguara<sup>1</sup>, a escola indígena na Aldeia Jacinto foi iniciada por volta do ano 1999. Os professores lecionavam de baixo de mangueiras por falta de local adequado porque não havia um prédio próprio da comunidade onde essa escola era denominada Caatinga. so em 2011 foi construído o prédio onde até hoje funciona a escola.

O foco principal da escola é revitalizar a cultura e resgatar os costumes do nosso povo, por meio da sala de aula. Proporcionar aos jovens, crianças e adultos da nossa aldeia o direito a uma educação diferenciada e de qualidade, onde possam ser educados de acordo com a realidade e com nossa própria língua. Com isso a aldeia se fortaleceu e buscou recursos para a construção de um prédio próprio espaço através de recursos onde se concretizou em prédio próprio. Por meio da doação de um terreno de uma liderança indígena Sr: Francisco Teodósio do Nascimento em 2005, o projeto pôde ser concretizado. No ano de 2007 foi realizada a construção da escola, com duas salas, um pátio, um almoxarifado, uma cozinha, dois banheiros, uma diretoria e uma dispensa.

A escola reunida com a aldeia escolheu uma nova nomenclatura para a escola, que até então se chamava Caatinga. Esta passou se chamar Escola Indígena Joaquim Ugena, em homenagem à liderança mais antiga da aldeia, em memória e respeito a seu nome. Joaquim Ugena que faleceu em 1976, na sua própria residência, que fica localizada próxima a escola.

A comunidade preserva os relatos de Seu Joaquim Ugena, que contava que seu povo, naquela época, fugiu de sua própria região com medo

---

<sup>1</sup> Teka Potiguara uma das maiores lideranças do movimento indígena de Monsenhor Tabosa e do Estado de Ceará.

dos brancos e se escondiam na bica do Ipu próxima a São Benedito-CE. Durante a noite eles esculpiam escadas para saírem da loca das pedras que fugiam para Serra Grande e Piauí onde até hoje se encontra nossos povos habitados por lá.

Hoje a escola funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite), com turmas de Educação Infantil, fundamental I e II, EJA fundamental e Médio. Conta com um corpo docente composto por dez professores, uma diretora, um secretário escolar, uma agente administrativa financeira e uma auxiliar de serviços.

“A Escola veio, se instalou no nosso meio e não pediu licença. Nós como Professores indígenas temos que mudar essa escola, temos que garantir que ela tenha qualidade. Para isso temos que estudar a legislação para conhecer e conquistar nossos direitos.

Educação escolar indígena Teka potiguara 2005

A Escola Indígena Joaquim Ugena, com seu quadro de Profissionais, trabalha em práticas que reflita coletivamente sobre as propostas pedagógicas na Escola, sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias do ensino aprendizagem e na avaliação visando garantir que todos os alunos aprendam. O Problema do ensino da leitura na escola não se situa nos níveis de métodos, mas na própria conceitualização do que é a leitura e da forma que é avaliada pelos professores, do papel que ocupa no projeto curricular da escola, dos meios que favorecem para um bom desempenho dos alunos, para que possa ser bem desenvolvido na leitura e escrita.

O ensino da cultura sempre aparece como objetos prioritários dos projetos escolares das salas de aula, mas não é uma questão simples. O ensino da disciplina diversificada deve garantir a interação significativa e funcional como meios de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas da aprendizagem do aluno. O ensino mesmo na escola é inegável. Por isso é urgente para nós que todos os professores tenham total domínio de sua própria língua tendo, uma possibilidade real da inserção do aluno no mundo da informação e conseqüente conhecimento para um efetivo exercício da cidadania.

O principal objetivo é mostrar a importância de ensinar os alunos a ler, como também não deixar de lado sua cultura, suas raízes, o que seus antepassados deixaram. Assim formar conjunto de possibilidades que permitam ampliar seu universo, discutir a compreensão de outras linguagens, sugerindo formas de que a escola possa orientá-lo a atribuir sentidos, onde o educando possa ser capaz de refletir sobre ele de forma crítica e assim saiba como usá-lo em toda sua vida. O momento em que estamos vivendo se encontra em um processo de transformação culturais e sociais que reflete diretamente na escola em uma incansável luta por uma educação de qualidade.

A Escola assume uma grande responsabilidade na comunidade. Não fazemos educação sozinhos. Precisamos nos unir em um só objetivo, alunos, professores, núcleo gestor e comunidade. Se alguma dessas partes se separa a Educação na Escola enfraquece. Cada um tem o direito e o dever de dá sua colaboração para juntos construir uma educação de valores e conhecimento.

A Escola é a principal formadora de opinião na sociedade e o objeto de formação do cidadão. Por isso precisamos nos conscientizar que educação estamos oferecendo a nossas crianças. Não podemos apenas culpar órgãos de ensino e os baixos salários dos profissionais se nós professores não fazermos a nossa parte. Precisamos dá o que há de melhor para oferecer nossos jovens uma educação de qualidade, onde ele possa obter conhecimento e construíra seu próprio caminho.

A maior preocupação da escola indígena Joaquim Ugena é que os índios que pertencem a essa etnia não percam seu jeito de ser e esqueçam a cultura de seu povo devido à interferência vindo de fora da comunidade. São muitos os fatores que tem contribuído para que isso aconteça e fazendo que a comunidade se torne um lugar comum e sem diferencial que possa identificar como povo que tem sua cultura própria.

Embora a língua indígena seja muito importante para o povo Potiguara como forma de preservar sua identidade, somos conscientes que precisamos ter o conhecimento e domínio da língua portuguesa. Pois não somos isolados e precisamos interagir com a sociedade e compreendermos como funciona o poder, até mesmo como forma de nos protegermos e sabermos nossos direitos e deveres.

A comunidade indígena de Jacinto está organizada em associação, conselho, projetos do governo, no movimento indígena e também na política partidária. Essa organização vem fazendo com que os povos desta aldeia tenham mais facilidades de conseguir que seus direitos sejam respeitados em partes. RCNEI (pg.30), consta na Constituição Federal de 1988, o índio tem direito de além de perceber o índio enquanto pessoa, com os direitos e deveres de qualquer outro cidadão brasileiro. Percebe-o como membro de uma comunidade e de um grupo, isto é, como membro de uma coletividade que é titular de direitos coletivos e especiais.

A escola indígena Joaquim Ugena é um espaço não só de professor dar suas aulas, mas um espaço onde tem a participação da comunidade de forma integral para a tomada de decisões. Busca dessa maneira beneficiar a aldeia como todo quando se trata de saúde, educação, movimento em busca de melhoria de vida para o povo desta aldeia.

Para garantir a permanência de sua maneira diferente de ser os potiguaras da Serra e das matas se reuniram em um movimento para que fosse respeitado seu jeito de ser e para que isso se concretizasse seria preciso que uma ação efetiva acontecesse. Assim foi entendido que essa ação só teria possível por meio do órgão muito poderoso, o ambiente escolar. Segundo os PCN (2005, p. 21), a atual LDB deixa bem claro que a educação escolar indígena deverá ter um tratamento diferenciado das demais escolas do sistema de ensino, o que é enfatizado pela prática do bilinguismo e da interculturalidade.

E assim começou a busca por um ensino de qualidade, que fosse considerado o modo de ser dos alunos e da realidade da qual estar inserida a escola. Mesmo marcada por diretrizes protecionistas, a legislação brasileira anterior à Constituição de 1988, que tratava dos povos indígenas, orientava-se pela gradativa assimilação e integração dos povos indígenas à comunhão nacional, de forma espontânea ou por processos legais e formais, porque os entendia como categoria transitória, fadada à extinção. Com a educação escolar não foi diferente. As leis da educação nacional sempre trataram todos os brasileiros como iguais ou na perspectiva da construção da igualdade étnica, cultural e linguística. Em anos recentes, abandonou-se a previsão de desaparecimento físico e cultural dos povos indígenas. O Brasil foi, gradativamente, descobrindo as diferenças culturais que sobreviveram após

quase quinhentos anos de tentativas de aculturação e assimilação desses povos. Hoje, é certo que eles não são apenas uma referência no nosso passado, mas que farão parte do nosso futuro (RCNEI, 2005 p.31).

Os professores da Escola Indígena Joaquim Ugena além de lecionar as disciplinas convencionais, introduzem disciplinas relacionadas à cultura como forma de revitalizar a cultura seus rituais seus costumes, a vida cultural do povo Indígena com sua atividade econômica e sua organização social. As concepções básicas do trabalho do povo Indígena em educação é o entendimento e a afirmação de ter existido historicamente formas próprias de educação e de que a pedagogia Indígena que se constitui em valores fundamentais que devem também orientar os trabalhos escolares.

A comunidade Indígena está sempre envolvida no espaço Escolar, participando dos eventos, palestras, oficinas e entretenimento, sempre havendo o respeito mútuo.

### **3. AS DIFICULDADES DE LEITURA NA ESCOLA INDÍGENA JOAQUIM UGENA.**

O ato de ler é o processo de construir significado isso se torna possível pela a interação dos elementos textuais com os conhecimentos do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles maior a probabilidade de êxito na leitura. Aprender é, para cada criança, um processo social de construção dos significados em seus encontros e interações com as ideias, as pessoas e os acontecimentos. Na leitura e na produção de textos como em qualquer outra atividade humana é cada criança que auto prende a agir, em relação a seus companheiros, ao educador a comunidade. Para aprender a ler, as crianças precisam que seja construída uma representação adequada dos fins da leitura assim como da tarefa de ler A criança necessita de conhecimento e reflexão sobre os processos de aquisição. Ao mesmo tempo em que ela começa a apreender a ler, ela deve apreender a aprender a ler. O ensino da leitura nas instituições de ensinos deve estar organizado em um currículo de disciplinas, programas, números de aulas e de alunos nas condições sociais e econômicas do contexto em que a unidade de ensino se encontra todos esses fatores estão envolvidos com a percepção de leitura que se encontra a escola e com a imagem

das pessoas que participam das atividades relacionadas à leitura principalmente a imagem do professor e do aluno, o material didático assumem papel fundamental na construção desse desenvolvimento. Os conteúdos e objetivos de ensino ao longo do ano letivo, e sobre os modos de realizar as atividades de ensino de determinado conteúdo (quando e como ensinar) neste sentido o professor deve diagnosticar o que os alunos já sabem sobre as dificuldades de leitura e que ainda precisa saber, para que possa desenvolver uma metodologia de ensino para propiciar de maneira articulada aos processos formativos de valorização e construção de suas identidades coletivas e individuais. Além de inserir o aluno nas situações de letramento é necessário levá-lo a refletir sobre os princípios de leitura. Neste sentido, é importante desenvolver estratégias de trabalhos que possibilite o avanço desses alunos.

(...) A leitura é uma dessas habilidades. Em condições ideais, trata-se de experiência que já tem início no lar e deve continuar na escola, num processo permanente e progressivo. Observa-se, entretanto, que a falta de diversidade de obras é um dos motivos para a má formação de leitores, mas não é o único. Como ressalta Kleiman (2000, p. 16-17)

A leitura é um dos meios mais importantes da escola para processos de novas aprendizagens. Isto é, pode-se afirmar que a leitura seguiu dois caminhos dentro da escola, um deles é o hábito da leitura familiar e o outro é aprendizagem nas diversas áreas que formam o currículo escolar. Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura é necessário que sinta que é capaz de ler e compreender o texto que tem em mãos. Em uma sala de aula pode ser muito difícil contentar os interesses de todas as crianças com relação à leitura e fazê-lo coincidir com os do professor que supostamente interpreta e como leitor poderá deduzir, o controle da compreensão como requisito essencial para ler eficazmente, pois se não entrássemos em estado de alerta quando não entendêssemos a mensagem de um texto, simplesmente não poderíamos fazer nada para compensar esta falta de compreensão, e assim a leitura seria realmente improdutiva. É importante que, nas aulas de leitura o aluno faça perguntas, levante hipóteses e interprete e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informação.

<http://laerciocristianosales.blogspot.com.br/2011/05/dificuldades-da-leitura-dos-alunos-6.html> – Acesso: 29 de outubro 2022

Na concepção da pesquisadora é a preocupação com o aprendizado escolar deve iniciar desde os primeiros contatos da criança na escola sendo criado um ambiente onde ela se sinta segura e perceba que a cada fase de seu aprendizado ela se desenvolva evoluído gradativamente para isso deve haver a interação de todas as formas como família, professores, núcleo gestor os coleguinhas a comunidades todos juntos num processo contínuo sempre respeitando as fases e a realidade de cada aluno.

[...] “se ensina ao aluno a perceber esse objeto que é o texto em toda a sua beleza e complexidade, isto é, está estruturado, como ele produz sentidos, quantos significados podem ser aí sucessivamente revelados, ou seja, somente quando são mostrados ao aluno modos de se envolver com esse objeto, mobilizando os seus saberes, memórias, sentimentos para assim compreendê-los [...]. O Papel da escola é o de fornecer um conjunto de instrumentos e estratégias para o aluno realizar esse trabalho de forma progressivamente autônoma. (KLEIMAN, 2002, p.28).

### **3.1 – LEITURA**

Para Freire (1989:11-12), a “leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, uma vez que ela seria a ponte para o progresso educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.

A maior parte dos conhecimentos humanos é obtida por intermédio da leitura, por isso é preciso ler muito, continuamente e com regularidade, pois ler constantemente significa aprender a conhecer, interpretar, decifrar e distinguir os elementos fundamentais dos secundários.

Trabalhar a leitura em sala de aula ajuda o leitor a desenvolver bons padrões das palavras, a boa articulação, o timbre de voz e a entonação adequada, a pontuação, entre outras. Além disso, é claro que se deverem trabalhar habilidades como a de ouvir e se fazer ouvir.

Sabe-se que a leitura vai além de um saber expresso através de anotações. Por esse motivo é preciso ler repetidamente por diversas vezes para poder entender melhor o que está escrito. Ao pronunciar apenas uma palavra pode-se constituir um texto suscetível de uma leitura. Por exemplo, as primeiras palavras de uma criança são possíveis ser interpretadas. Ela está fazendo a leitura de um mundo que a cerca.

A leitura do mundo precede a leitura do texto, parafraseando Freire (1983, p. 22), e a leitura do hipertexto é precedida por essas outras: a do mundo e a do texto. Assim, acreditando nisso que assinala Paulo Freire percebemos que *todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrarmos o que somos e onde estamos*. A leitura é o caminho necessário e essencial para a compreensão e a atuação do indivíduo no meio social.

É lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar. O aluno com dificuldade em leitura perde a oportunidade de entender a riqueza de aprender e compreender o funcionamento e as características da vida.

É por meio da leitura que se tem acesso à cidadania, a melhores posições no mercado de trabalho, um entendimento mais profundo da vida em sociedade, à construção de uma personalidade mais crítica e, portanto, mais livre para que se busque a felicidade pretendida por todos.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (1998, p.69).

#### **4. ESCOLA - HISTORICO ESCOLAR**

Por iniciativa de uma liderança indígena Teka potiguara a escola indígena iniciou se por volta do ano 1999 na aldeia Jacinto onde os professores lecionavam de baixo de mangueiras por falta de local adequado

e a escola era denominada Caatinga onde o seu foco principal é principalmente revitalizar a cultura e resgatar os costumes do nosso povo por meio da sala de aula proporcionar os jovens as crianças e os adultos da nossa aldeia o direito a uma educação diferenciada de qualidade onde possam ser educados de acordo com a realidade e nossa própria língua com isso a aldeia se fortaleceu e buscou espaço através de recursos onde se concretizou em prédio próprio por meio de uma doação do terreno de uma liderança indígena Sr: Francisco Teodósio do Nascimento no ano de 2005 veio à construção da escola em 2007 com duas salas um pátio um almoxarifado uma cozinha dois banheiros uma diretoria e uma dispensam. A escola reunida com a aldeia com o objetivo de escolher uma nova nomenclatura para a escola que até então se chamava Caatinga passando se chamar Escola Indígena Joaquim Ugena em homenagem à liderança, mas antiga da aldeia em memória e respeito a seu nome que veio falecer em 1976 na sua própria residência que se encontra próxima a escola preservada pela a comunidade relatos de seu Joaquim Ugena que seu povo naquela época fugiu de sua própria região com medo dos brancos e se escondiam na bica do Ipu próxima a São Benedito CE durante a noite eles esculpam escadas para saírem da loca das pedras que fugiam para Serra Grande e Piauí onde até hoje se encontra nossos povos habitados por lá hoje a escola funciona nos três turnos manhã tarde e noite nas modalidades Educação Infantil, fundamental I e II Eja fundamental e Médio tendo seu corpo docente 10 professores 01 diretor 01 secretário escolar 01 agente admirativo financeiro 01 auxiliar de serviços

Quanto à cultura, terra, religião e educação indígena escolar cap. VII da constituição federal de 1988 nos artigos 231, 215, 210, 232 e LDB (Lei de Diretrizes e bases), No artigo 78/79 surgiram o interesse de cadastra a Escola Indígena Joaquim Ugena que veio por intermédio da Escola Povo Caceteiro localizada na aldeia Mundo Novo devido a demanda suficiente de alunos para a aldeia que consiste em aproximadamente 80 alunos onde os mesmos tem a oportunidade de criar seus próprios conceitos de sua cultura que vem desde os seus antepassados

A Escola Indígena Joaquim Ugena com seu quadro de Profissionais trabalha em práticas que reflita coletivamente sobre as

propostas pedagógicas na Escola, sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias do ensino aprendizagem e na avaliação visando garantir que todos os alunos aprendam. O Problema do ensino da leitura na escola não se situa nos níveis de métodos, mas na própria conceptualização do que é a leitura e da forma que é avaliada pelos professores, do papel que ocupa no projeto curricular da escola, dos meios que favorecem para um bom desempenho dos alunos para que possa ser bem desenvolvido na leitura e escrita.

A leitura sempre aparece como objetos prioritários dos projetos escolares das salas de aula, mas não é uma questão simples. O ensino da leitura deve garantir a interação significativa e funcional como meios de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas da aprendizagem do aluno. O ensino da leitura na escola é inegável por isso é urgente para-nos todos os professores entendermos que a leitura deve significar uma possibilidade real da inserção do aluno no mundo da informação e consequente conhecimento para um efetivo exercício da cidadania. O principal objetivo é mostrar que é importante ensinar a ler em todos os níveis de ensino, formar conjunto de possibilidades que permitam ampliar o universo de leitura dos alunos, discutir a compreensão de textos escritos e outras linguagens, sugerindo formas de que a escola possa orientá-lo para ser um bom leitor. Ler é atribuir sentidos onde o leitor possa ser capaz de refletir sobre ele de forma crítica de saber como usá-lo em toda sua vida. O momento em que estamos vivendo se encontra em um processo de transformação culturais e sociais que reflete diretamente na escola em uma incansável luta por uma educação de qualidade.

A Escola assume uma grande responsabilidade Não fazemos Educação sozinha precisamos nos unir em uma só corrente, alunos, Professores, núcleo gestor e a comunidade se alguma dessas partes se separa a Educação na Escola enfraquece cada um tem o direito e o dever de dá sua colaboração para juntos construir uma educação de valores e conhecimento. <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003D/00003D7E.pdf> – Acesso: 01 de novembro de 2022.

Na concepção do pesquisador a Escola é a principal formadora de opinião na sociedade e o objeto de formação do cidadão por isso precisamos

nos conscientizar que tipo de educação estamos oferecendo a nossas crianças não podemos apenas culpar órgãos de ensino os baixos salários dos profissionais se nos professores não fizermos a nossa parte precisamos dá o que há de melhor para oferecer nossos jovens uma educação de qualidade onde ele possa obter conhecimento e construía seu próprio caminho e tenha um futuro brilhante.

No dizer de Marcusch (2004) "as escolas não podem passar à margem das inovações tecnológicas, sob pena de não estar situada na nova realidade dos usos linguísticos". Pensando como Kleimam e Marcuschi serão de cunho pedagógico para o estudo de obras e escolas literárias, onde terá a interação de todos os alunos da turma, através de produções textuais. Afinal, a leitura, inevitavelmente, implica em escolhas motivadas por diferentes razões. Lê-se, basicamente, movido pelo interesse em três campos: informação, conhecimento e prazer estético, assim acredita-se que o é uma ferramenta que contempla tais campos por ser atrativo, interativo e imediatista.

A Escola Indígena Joaquim Ugena além de lecionar as disciplinas convencionais os professores introduzem disciplinas relacionadas à cultura como forma de resgatar a cultura seus rituais seus costumes, a vida cultural do povo Indígena com sua atividade econômica e sua organização social. As concepções básicas do trabalho do povo Indígena em educação é o entendimento e a afirmação de que têm existido historicamente formas próprias de educação e de que a pedagogia Indígena constitui em valores fundamental que deve também a orientar os trabalhos escolares.

A comunidade Indígena está sempre envolvida no espaço Escolar participando dos eventos palestras oficinas e entretenimento sempre havendo o respeito mútuo. Ensinar e ler e escrever envolve vários sujeitos diferentes e distintos contextos em primeiro lugar obviamente o Professor assim como os alunos da sala de aula, os demais docentes familiares e comunidade, é prioritário que o Professor mostre os alunos como sujeitos que ler e escreve cotidianamente e que a faça com que o aluno leia e escreva na sala de aula e comente com seus colegas sobre o texto que a leu.

Assumir a tarefa de se formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais.

#### **4.1 O PROFESSOR**

O Professor é o principal e o mais importante mediador entre o aluno e o conteúdo a ser ensinado, pois é ele quem decide afinal qual material utilizar em suas atividades de ensino. O professor deve inovar com formas diferentes na sala de aula para que possa despertar o aluno a ter interesse próprio para o mundo da leitura onde ele possa encontrar um mundo de muitas descobertas e possa cada vez mais ter a curiosidade do âmbito da leitura. Assim é preciso que o professor investigue e deixe emergir as ideias na sala de aula os conceitos e os diferentes gostos dos alunos para que seja trabalhada a leitura em cima do desejo próprio que o aluno se identificar o professor atribui a tarefa de organizar as atividades de ensino ao autor do livro didático ou paradidático o professor precisa elaborar questões que levem o aluno ativar gradativamente o conhecimento prévio de modo que o aluno perceba estratégias e que essas estratégias se fundamentam nos recursos que o suporte oferece e nas características que o texto lido possui as atividades de leitura precisam também destacar questões relativas a conhecimento textual e sua relação com determinados gêneros de discurso. É preciso haver uma ampliação dos modos como se compreender em geral a interpretação de leituras no contexto escolar. É importante que o professor pense e repense na organização de ensino situações didáticas que não fora boa e que não obteve um resultado bom no desenvolvimento do aluno.

[...] a leitura compreendida como prática social se insere no espaço escolar como seu lugar instituído, regulamentado e naturalizado, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de refletir as práticas mais gerais de leitura que vinculam o leitor a outros espaços sociais. De maneira geral, diria que, na sociedade atual, queiramos ou não, somos obrigados a ler. Quando se trata de professores e alunos, a questão de ser ou não leitor se torna, no mínimo, estranha. Quero dizer com isso que, do ponto de vista da escola, essa é uma questão mal formulada. Parece-me que não se trata de não ler, mas do que se lê e como se lê. (SOUSA, 2008, p. 4)

O grande desafio do educador das séries iniciais é compreender o processo e procurar agir de forma dinâmica e diversificar ao realizar atividades que desenvolvam as habilidades da linguagem verbal como: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. A leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa. A leitura é um processo de aquisição da lectoescrita e, como tal, compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

O perfil do professor indígena que sem formação específica eram escolhidos pela comunidade para compor o corpo docente da escola. Na leitura de alguns livros referentes ao assunto, essa situação acontece há pouco tempo, pois antes os povos indígenas não tinham autonomia e nem poder de decisão para escolher quem queria como professor porque primeiro foi o Sistema de Proteção do Índio- SPI e depois a Fundação Nacional do Índio que era responsável pelo o índio e os professores que mandava para as aldeias eram esses órgãos. Hoje a realidade das escolas e outra, na Escola Indígena Joaquim Ugena 95% dos profissionais já têm ensino superior e formação específica e especialização por área de conhecimento e os 5% estão cursados sua graduação.

O ensino de língua portuguesa na educação indígena não é diferente da escola convencional. A escola indígena só diferente porque os valores são diferentes, mesmo assim o professor indígena tem o dever de garantir que todos os sujeitos que participam do ato de ensino-aprendizagem tenham seus direitos de aprender garantidos, mesmo que tenham dificuldades.

O profissional da escola indígena também participa de formação e programa educacionais desenvolvidos pelo o governo e aprendem trabalhar com o mesmo conteúdo das escolas tradicionais, porém cada um tem sua didática própria e conhece a melhor forma de desenvolver com seus alunos de acordo com suas necessidades.

## 4. 2. O aluno

Em pesquisa feita na sala de aula na Escola Indígena Joaquim Ugena em uma apresentação de trabalho em grupo dos alunos da referida sala pude perceber que além da timidez dos alunos há umas grandes dificuldades nas pronúncias das palavras dos alunos no ato de ler onde os mesmos deveriam ler fluentemente o processo da falta de âmbito da leitura vem desde as séries iniciais a escola não oferece projetos que trabalhem as dificuldades destes alunos são muitas poucas as atividades que despertem a o incentivo dos alunos para o mundo da leitura onde ele possa criar hábito e tenha a curiosidade de ler em conversa com os alunos concluímos que raramente eles fazem rodas de leitura onde todos possa se entrosar uns com os outros e debater sobre suas opiniões e suas ideias a internet na escola também é um dos grandes problemas que a escola enfrenta com o uso dos celulares os alunos tendem muito a ficar despeço nos horários das aulas a direção já utilizou de vários métodos para solucionar o problema, mas ainda não foi solucionado totalmente.

É fato que os alunos de hoje em dia passam boa parte de seu tempo com telefone na mão ou em frente da televisão e isso vai afastando cada vez mais os alunos da leitura e quando vão à escola não gostam que o Professor peça para que ler isso não acontece apenas em alunos do fundamental como também até mesmo em alunos universitários pessoas que não se sentem seguras em leem em público tudo porque não foi trabalhado em todo seu histórico escolar com os avanços da tecnologia muito coisas melhorou, mas também nos trouxe muitos problemas

A distância entre os leitores e esses textos sinaliza a ausência de uma prática de leitura de textos que não estão diretamente relaciona ao cotidiano. O leitor até ensaia uma leitura-estudo: tenta, tenta e não consegue. Falta quem ensine, quem forneça pistas, chaves que facilitem a caminhada interpretativa do leitor. (SOUSA, 2009, p. 12)

Para que o aluno sinta o desejo de aprender ou fazer algo, necessita ser motivado, dentro de um processo dinâmico. Como sabemos, a motivação é a mala mestre do comportamento de aprendizagem.

A motivação pode ser interna (intrínseca), quando leva o indivíduo a buscar, e superar desafios. O feedback recebido em função do que fez para enfrentar esses desafios repercute em seu conceito sobre sua competência,

suas habilidades, sua alta eficácia e, portanto, em sua capacidade para iniciar ações relevantes para sua vida.

Este tipo de motivação manifesta-se sempre que a curiosidade e o interesse energizam e dirigem a aprendizagem do aluno. Quando o professor ajuda o aluno a querer superar os desafios e objetivos estabelecidos pelas escolas e professores, automaticamente está ajudando o aluno a tornar-se mais capaz de adaptar-se a novos desafios.

O professor tem como objetivo estimular ao máximo os alunos a sentir a satisfação de poder fazer as coisas, cumprir seus desejos, ajudar os outros, porque ele estará assegurando o sucesso dos alunos.

A motivação pode ser individualizada, se os alunos têm diferentes níveis de aprendizagem, isso significa que também têm diferentes níveis de motivação. O professor que sabe usar adequadamente contingências de reforço como forma de motivação para obter melhores resultados com esses alunos e terão mais sucesso.

Com base nas ideias de Araújo e Oliveira, “A variação de metodologia possivelmente é mais crucial para os alunos quem têm dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas e que requerem um atendimento mais personalizado e maior flexibilidade. Frequentemente se eles não aprenderem na primeira explicação, uma nova explicação, usando metodologia diferente, pode ajuda-los mais do que simplesmente repetir a mesma coisa da mesma forma” (P.322). Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa-PNAIC na disciplina de português diz o seguinte: no decorrer do processo de alfabetização é imprescindível que as crianças entrem em contato, manipule, utilize e crie diferentes textos, que circulam em sua comunidade de maneira não simulada e que tenham sentidos para elas. É importante que compreendam os objetivos dos diferentes gêneros textuais e suas características particulares. Ao realizar atividades que envolvam a reflexão sobre esses aspectos, possibilitamos que as crianças elevem seu nível de letramento e possa fazer o uso efetivo da língua escrita em diferentes contextos sociais. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985).

Todo professor sabe que alfabetizar é muito difícil, mas também se sabe que essa ação deve acontecer continuamente para que o sujeito tenha a oportunidade de ter seus direitos de aprendizagem garantido.

## **.5. MÉTODOS DE ENSINO**

Inúmeras pesquisas já comprovaram que as crianças de classes diferenciadas aprendem a ler e a escrever da mesma maneira. Num primeiro estágio, distinguem o que é desenho do que é escrita. No contato com o professor e em atividades regulares de sala de aula, elas passam a refletir sobre a organização do nosso sistema de escrita. As descobertas de Emília Ferreiro revelam que essa

Construção do conhecimento tem fases com degraus intermediários entre elas: No nível pré-silábico, a criança constrói dois critérios: que é preciso uma quantidade mínima de letras (três) para que se possa ler e escrever e elas precisam ser diferentes; No silábico, ela costuma usar uma letra para cada sílaba (para professora, por exemplo); No alfabético, se estabelece a relação direta entre as letras e os sons (mas ainda são comuns os erros de ortografia); E só no ortográfico o aluno começa a dominar as regras do sistema alfabético para produzir textos corretamente.

Essas hipóteses acontecem em todas as crianças e vão evoluindo gradativamente em sua aprendizagem, através da escrita na qual a criança vai associar os sons.

Para que a criança chegue ao patamar desejado, é importante que o educador saiba organizar, sistematizar, adequar a métodos que sejam suporte e orientação no processo de elaboração do conhecimento da leitura/escrita, com isto ela irá conseguir vencer todos os níveis até chegar no ortográfico “lendo e escrevendo”.

Com a aplicação de métodos evolutivos a criança terá uma aprendizagem significativa. É preciso organizar o trabalho educativo para que os alunos experimentem, vivenciem a prática de produção de textos.

É a abordagem predominante no país e por isso mesmo a mais conhecida dos pais. Nas escolas tradicionais, o foco está no professor, que detém conhecimentos e repassa ao aluno. O estudante tem metas a cumprir dentro de determinados prazos, que são verificadas por meio de avaliações periódicas. Quem não atinge a nota mínima necessária no conjunto de avaliações ao longo

do ano que está cursando é reprovado e tem de refazê-lo. Os métodos de ensino quem desenvolve é o professor ou professora da turma, pois, são eles que percebem através de suas observações a melhor forma de desenvolver a capacidade de aprendizagem dos alunos. E podem contar com ajuda livros, jogos e textos específicos para essa modalidade oferecida pelo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação- FNDE.

Nos anos iniciais a professora utiliza os jogos, ou seja, usa uma estratégia lúdica para que os alunos aprendam de forma divertida. Embora os jogos sejam muito bons, o professor que vai utilizá-lo deve ter muita clareza do objetivo que quer alcançar, pois os jogos mal-usados podem até mesmo prejudicar tanto o ensino, como a aprendizagem.

O ensino de português já pode contar com vários recursos como metodologias diferentes para sala de aula, esses recursos são jogos e livros para ser usado nas aulas. O material que a escola recebe foi desenvolvido por grandes profissionais do ensino que estão nas Universidades pesquisando o jeito certo de ensinar.

Nos anos finais do ensino fundamental, não é mais possível utilizar apenas o livro didático para dar aula, mesmo que tenha uma metodologia que saiam da mesmice, os alunos além de não se interessarem pelos livros passam a aula toda com um celular e não importa que tenha ou não acesso à internet, então os professores estão usando de estratégia para utilizar o aparelho como aliado em sala de aula para pesquisar livros conteúdos de várias disciplinas e fazer trabalho de pesquisa e neste momento relata a professora desta turma vem os alunos mais envolvidos nas atividades.

No entanto hoje a Escola Indígena Joaquim Ugena e das escolas pioneiras no ensino da Língua materna TUPI/Nheengatu, aonde temos está disciplina inserida no Sige Escola, recebemos diversos curso com intercambio de um professor do IFCE do Alto Rio Negro – Amazonas com o apoio do mesmo já foi Coo-oficializado no município como segunda língua, e também estamos no processo de elaboração de livros em Tupi, com tradução para a língua portuguesa do 1º ano do ensino fundamental ao 9º ano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procurou contribuir nas dificuldades dos professores indígena na Escola Indígena Joaquim Ugena o presente estudo contribui em um olhar voltado para as diferentes dificuldades que os professores/alunos enfrentam no cotidiano desse modo a pesquisa pode possibilitar uma reflexão principalmente uma reflexão sobre os métodos utilizados pelos professores com o intuito de facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita no ensino escolar indígena.

Nossa intenção, neste trabalho de pesquisa, foi a de contribuir com a discussão sobre as dificuldades de aprendizagem, apresentando algumas das possibilidades de contribuição pedagógica. Desta forma, este trabalho bibliográfico se constitui no início de um estudo que não possui respostas simples, visto que, os fenômenos complexos são difíceis de explicar. Entretanto ressaltamos aqui a importância do comprometimento profissional, da busca pela continuidade de estudos bem como de metodologias alternativas de trabalho para que possamos obter melhorias significativas no processo educacional. Essas melhorias, certamente devem também considerar o trabalho em sala de aula em especial com as possíveis dificuldades de aprendizagem encontradas.

O tema é bastante amplo e com certeza muita coisa poderia ainda ser abordada. No entanto, em função do tempo se faz necessário parar por aqui, tendo a consciência de ter aprendido muito e ter contribuído de alguma forma para que outros pesquisadores sobre este tema se debrucem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSSA, N. A. Dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre, RS. Artmed, 2000
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998, pp. 69-70.
- GRUPIONI, Luís Donizete Benzi II, As leis e a Educação Escolar Indígena, Ministério da Educação continuada alfabetização e diversidade, 2º edição, 2005.
- CAROLINA, Figueiredo da Silva, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, Brasília 2012.
- TELMA, Ferraz Leal Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, Brasília 2012.
- CÉNSAR, Coll, Estratégias de Leitura, Artmed Editora AS, Porto Alegre 1998.
- RUSSO, Maria de Fatima, Alfabetização, SARAIVAS S.A, São Paulo, 2012.
- KERN, Neusa Hichel, O ensino da Linguagem Escrita, Artmed editora, Porto Alegre, 2002.
- FREIRE, Paulo, a importância do ato de ler, 1º edição, editora moderna, São Paulo, 2003.
- PIETRI, Érmerson, práticas de leitura e elementos para a atuação docente, 2º edição, Ediouro, Rio de Janeiro, 2009.
- SÓLE, Izabel, Estratégias de leituras 6º edição, Artmed, Porto Alegre, 1988.
- UGENA, Escola Indígena Joaquim, PPPT – Projeto Político Pedagógico Transformador, Monsenhor Tabosa, 2013 – atualizando em 2021
- UGENA, Escola Indígena Joaquim, Regimento Escolar, Monsenhor Tabosa, 2013/2014 – atualizando em 2021
- MARTINS, Elcimar, Apostilha do Magistério Indígena, língua Portuguesa, Fortaleza, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: referências e elaboração. Rio de Janeiro. ABNT – 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: citações e documentos – apresentações. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

<http://laerciocristianosales.blogspot.com.br/2011/05/dificuldades-da-leitura-dos-alunos-6.html> - Acesso: 29 de outubro 2022

<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003D/00003D7E.pdf> - Acesso: 01 de novembro de 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M886d Moura, Francisco Glerison Ribeiro de.

Os desafios do professor na sala de aula da escola indígena Joaquim Ugena / Francisco Glerison Ribeiro de Moura. – 2023.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo.

1. Educação Indígena. 2. Professor. 3. Desafio. 4. Leitura. 5. Escrita. I. Título.

CDD 305.898098131

---